



O monte Ararat ergue-se majestosamente das planícies da Turquia oriental

O mistério da Arca de Noé

GORDON GASKIL

Será que ela
ainda existe nas vertentes
do monte Ararat?

SERÁ mesmo verdade que a Arca de Noé, ou parte dela, ainda existe em algum lugar da Terra? Depois de ter passado minha vida pensando no assunto, finalmente eu estava a caminho do monte Ararat – um nome mágico, ligado a uma das mais antigas e extraordinárias histórias do mundo. Pelo menos um bilhão e meio de pessoas (judeus, cristãos, muçulmanos) conhecem os fatos básicos dessa história: como Deus, achando que os homens estavam se tornando excessivamente perversos, resolveu afogá-los, com exceção de oito justos (Noé, três filhos e as respectivas mulheres); como construíram uma grande arca de madeira e levaram para bordo um casal de cada espécie de animais; como flutuaram quando um dilúvio inundou a Terra

CONDENSADO DE «CHRISTIAN HERALD». FOTOS DE JOHN BAKER

e destruiu todos os outros seres vivos; e, finalmente, como a arca encalhou no alto do monte Ararat, e a vida começou de novo. Assim, se o que se diz no Gênese for verdade, todos somos descendentes de Noé.

Eu tinha uma mala cheia de livros, artigos e recortes de jornais acerca de pessoas que pensavam ter descoberto a arca. Em 1974, o Senador Frank Moss, do Comitê Espacial do Senado norte-americano, anunciou que um satélite dos Estados Unidos, em órbita, tinha fotografado uma «anomalia» que alguns supunham pudesse ser a arca. Isso me fez tomar uma decisão: minha mulher e eu tínhamos que ir ao monte Ararat – de qualquer maneira. Essa decisão nos levou ao problema essencial: onde, exatamente, deveríamos procurar a arca?

Se você pensa que a Bíblia se refere especificamente a um monte determinado, é melhor consultar de novo o Gênese, 8:4. Lá só são citadas as *montanhas* de Ararat. Todo mundo está de acordo em que o nome Ararat não pertence a nenhuma montanha em particular, mas se refere a uma vasta região (mais tarde chamada Armênia) que inclui parte da Turquia moderna, do Irã, do Iraque e da União Soviética – e centenas de picos nela situados.

Na verdade, muitos muçulmanos, assim como judeus e cristãos orientais, não acreditam que a arca tenha encalhado na elevação que hoje em dia se chama monte Ararat. Os armênios, porém, que vivem

perto desse monte desde o princípio dos tempos, sempre estiveram convencidos de que a arca encalhou ali. Uma vez que esta é a montanha mais alta de toda a região, seu cume teria sido o primeiro a emergir da água – e, obviamente, seria o melhor lugar para a arca aportar.

Ararat, ou *Aghri Dagh*, segundo a designação turca, deve ser tratada com respeito. Muitas montanhas têm mais de 5.165 metros de altitude, mas geralmente estão rodeadas de picos mais altos, que as fazem parecer menos importantes. O monte Ararat, no entanto, ergue-se inteiramente isolado, e mede mais de 4.200 metros desde as planícies que estão em seu sopé (sua vertente, ininterrupta, é a mais extensa do mundo) até o cume, coberto de neves eternas e de mistério.

À medida que íamos estudando o monte Ararat, deixávamos que a nossa mente recuasse milênios atrás, procurando imaginar um mundo coberto de água – com exceção de um único pico. Poderia isso ter acontecido algum dia?

As lendas sobre um dilúvio são incrivelmente antigas e constantes na história dos povos. Há pelo menos seis mil anos (muito tempo antes de existir a Bíblia) uma história semelhante à do Gênese circulava no Oriente Médio. Noé tinha nomes como Utnapishtim e Xisuthros, e as chuvas torrenciais haviam durado seis ou sete dias, em vez de 40. Uma lenda babilônica diz que os deuses afogaram a raça humana simplesmente porque a humani-



dade fazia tanto barulho que os deuses não conseguiam dormir!

Os armênios, certos de que a arca havia encalhado no topo do seu reverenciado monte Ararat, também estavam convencidos de que ninguém tinha subido, ou jamais subiria, até lá em cima. A montanha era bastante alta e demasiadamente sagrada. Portanto, eles ficaram espantadíssimos quando, em 1829, um professor de ascendência germano-soviética, J. J. Friedrich Parrot, ignorou esses tabus e a escalou até o cimo. Uma vez destruída a inviolabilidade da sua montanha, os armênios iniciaram uma nova tradição mais animadora: quem conseguisse atingir o cume, viveria pelo menos até os 100 anos. Desde então, dezenas de montanhistas têm seguido o exemplo de Parrot.

Que caixa enorme! Através de potentes binóculos, examinei cuidadosamente a montanha. Durante o outono, ela fica escondida pelas nuvens, mas naquele dia havia apenas um fiapo esvoaçando no alto, como a pluma de um chapéu. Aquele pico nevado era lindo, mas o que me interessava eram as escarpas mais abaixo. Foi ali que trabalhou a maioria das expedições que foram à procura da arca; era ali que se encontrava a maior parte dos pedaços de madeira que dizem ter pertencido a ela, a cerca de um terço da vertente, quando se desce do pico. Cada vez que eu descobria algo de esquisito, imaginava se, por algum milagre, não seria a Arca de Noé!

Qual seria o aspecto da arca?

O Gênesis (6:15) não descreve propriamente um barco, mas uma

grande caixa retangular de madeira, feita para flutuar ao sabor dos ventos e das ondas. Como ela devia ser grande! Tinha 300 côvados de comprimento, 50 de largura e 30 de altura. Mesmo que consideremos o menor côvado usado pelos antigos, a arca teria 137 metros de comprimento, 23 de largura e 13,7 de altura, o que corresponde a metade do tamanho do *Queen Mary*.

Lamento, mas devo confessar que não vi nada parecido com isso. Desapontados, embora sem razão, voltamos pela estrada poeirenta e esburacada até a primitiva cidade de Dogubayazit, no sopé do monte Ararat. Um grupo de curdos de olhar penetrante, que moram em Dogubayazit, conseguiram superar seu temor da vertigem de altitude (antigamente tomada como aviso divino contra quem ousasse escalar as montanhas) e concordaram em nos servir de guias. Procuramos um dos mais conhecidos dentre eles, Farhettin Kolan, que é também dono do hotel da cidade, o qual, no verão, fica repleto de montanhistas, que sobem ou pretendem subir ao monte Ararat.

Nessa época, a neve caía no topo do Ararat, e o manto branco avançava encosta abaixo. Ursos, lobos e cobras vivem na montanha, mas Kolan nos garantiu que eles não molestariam ninguém que tivesse um mínimo de bom senso e dispusesse do equipamento apropriado. «O verdadeiro problema no inverno surge quando a neve, com uma fina camada, cobre alguma

fenda glaciária profunda; você cai por ali e...» – ele encolheu os ombros. Nos últimos anos, três montanhistas morreram em expedições realizadas no monte Ararat.

«**Arcologistas**» e ateus. Kolan nos contou que, ao longo dos anos, tem assistido a acaloradas discussões sobre se a arca estará no topo do monte ou não – e, nas mesas onde ele nos serviu chá quase fervendo, as pessoas espalham livros e mapas. Desde a Segunda Guerra Mundial, quase todas as expedições para localizar a arca têm sido organizadas e financiadas por norte-americanos pertencentes à religião fundamentalista. Eles acreditam que cada palavra da Bíblia é literalmente verdadeira, e, se encontrarem a arca, esperam provar que têm razão. Com bom humor, aceitam o apelido de «arcologistas» que alguns cétricos lhes puseram.

Um dos mais conhecidos é John Libi, que diz ter visto em sonhos a localização exata da arca, e que esquadrinhou todo o monte Ararat à procura dela. Foi perseguido pelos ursos, contraiu pneumonia e quase morreu de uma queda. Nada o fez desistir – exceto a idade. Em 1969, após a sétima escalada, Libi acabou por compreender que, já com 73 anos, estava demasiado velho para tentar novamente. Embora nunca tivesse encontrado nenhum vestígio da arca, continua tranqüilamente convencido de que ela está ali.

Um dos mais importantes desses «arcologistas» é Eryl Cummings,

que já escalou cinco vezes o monte Ararat e tem um fichário completíssimo que coloca à disposição de qualquer pretenso explorador. Esse fichário contém tudo, desde traduções feitas do sumério, sobre dilúvios (gravadas em tabuletas de barro há muitos milhares de anos) até recortes dos jornais da véspera. Algum desse material está bem documentado e tem valor científico, mas a maior parte é imprecisa e contém apenas informações não confirmadas, sem qualquer interesse para os exploradores.

Uma das histórias mais fascinantes é a que se conta acerca de um norte-americano de origem armênia, que morreu em 1920, com 82 anos. Esse homem disse a uns amigos que, por volta de 1856, quando vivia perto do monte Ararat, «três ateus estrangeiros» o haviam contratado e a seu pai para servirem de guias até o cume da montanha. Esses estrangeiros pretendiam provar que a arca não estava lá, mas ficaram furiosos quando a descobriram; então, tentaram em vão destruí-la. Depois, fizeram o juramento de que jamais revelariam o segredo, e ameaçaram matar os guias se estes alguma vez falassem nisso. Relacionado com esta história, há um artigo publicado num jornal (que muitos alegam ter visto, mas que ninguém consegue encontrar), logo depois da Primeira Guerra Mundial, sobre um cientista britânico que, antes de morrer, confessou exatamente a mesma coisa que o velho armênio tinha contado!

A Segunda Guerra Mundial suscitou o aparecimento de muitas histórias novas, a maioria acerca de pilotos aliados que diziam ter visto (e até fotografado) a arca. Subsiste uma aura de verdadeiro mistério em torno de uma série de seis fotos, grandes e bem nítidas, que foram mostradas a muitas pessoas no Sudoeste dos Estados Unidos, em 1954, por um operário de um *pipeline*, George Jefferson Greene. Esse homem dizia ter estado a bordo de um helicóptero, sobrevoando o monte Ararat no verão de 1953, e que um dia notou a presença de um objeto estranho lá no alto da montanha. Pairando a menos de 30 metros de altura, tirou uma série de fotografias. No entanto, nunca conseguiu organizar uma expedição para voltar lá e comprovar seu achado. Morreu em 1962.

Não se encontram vestígios de suas preciosas fotografias, mas elas existiram com certeza. Pelo menos 30 testemunhas fidedignas, interrogadas separadamente, confirmam tê-las visto, e um homem fez um desenho da mais interessante delas, que mostra um objeto grande, quadrado, na beira de um precipício, quase totalmente preso no gelo e na terra, com linhas paralelas no bojo, indicando as junções das tábuas. Seria realmente a arca, ou apenas uma formação rochosa?

A única prova palpável de que a arca de fato existe é a madeira que os montanhistas encontram. O que provocou mais controvérsias foi um pedaço escuro, parcialmente

fossilizado, trabalhado a mão, encontrado em 1955 pelo francês Fernand Navarra. Técnicos de um laboratório espanhol examinaram sua estrutura celular e disseram que datava de há cinco mil anos, o que deveria ser aproximadamente a idade da madeira da arca. Dois testes com carbono-14 radioativo, no entanto, feitos separadamente em universidades norte-americanas e britânicas, dão o pedaço de madeira de Navarra como tendo apenas de 1.200 a 1.400 anos.

Permanece viva. Todas essas frustrações, longe de fazerem desanimar as pessoas que andam em busca da arca, ainda lhes aumentam o entusiasmo. Nunca tantas pessoas estiveram tão dispostas a gastar milhões em complexos equipamentos para ajudar na busca. A maior expedição de todas ia realizar-se em 1969, quando uma tonelada e meia de valioso material destinado aos membros da expedição foi enviada por via aérea para a Turquia.

Infelizmente, essa ambiciosa tentativa foi frustrada pelo governo turco, que, repentinamente, revogou a licença concedida. As autoridades turcas têm recusado autorização a todas as outras expedições que vão à procura da arca, e a razão mais

provável dessa recusa é o medo que os turcos têm de que os estrangeiros saiam das regiões freqüentadas pelos turistas e entrem na perigosa zona militar da fronteira com a União Soviética e o Irã, que é justamente a área onde se encontra o monte Ararat.

Será que a arca um dia vai ser encontrada? Mesmo pondo de lado a questão de sua existência, provavelmente nenhum cientista tradicional estará convencido de que exista a menor esperança de encontrá-la. O museu da Universidade da Pensilvânia é famoso pela sua imaginosa pesquisa arqueológica. Quando perguntaram a seu diretor, Froelich Rainey, sobre as possibilidades de se encontrar a arca, ele abanou a cabeça e sorriu: «Tudo é possível neste mundo, mas se há alguma coisa *impossível*, arqueologicamente falando, é isso.»

Na realidade, fará muita diferença se a arca for encontrada ou não? Por enquanto a crença em sua existência continua viva. Se ela não encalhou no alto da montanha, encontrou refúgio ainda mais seguro no coração dos homens. Nele, permanece há muitos milhares de anos, e aí poderá viver para sempre.



UMA AMIGA minha arranjou emprego na seção de roupas de uma grande loja de departamentos. «Não se esqueça», disse-lhe a chefe da seção, «de que, se a cliente tiver menos de 20 anos, você deve dizer-lhe que o vestido a faz parecer mais velha; se tiver mais de 20, convença-a de que parece mais nova... e se tiver mais de 40 anos, diga-lhe que o vestido é uma pechincha.»